



Nicanor partiu sem despedida

Rosani Abou Adal

Nicanor Jacinto, diretor da TV Artmult Cultural e patrimônio cultural do nosso país, falecido no dia 4 de junho em São Paulo, deixou um grande legado para as nossas Letras e Cultura.

Os encontros memoráveis do Sarau da TV Artmult Cultural, em parceria com o *Linguagem Viva*, realizados no terceiro sábado do mês, desde a 5ª edição em agosto de 2024 até a 14ª em maio de 2025, no Ponto de Memória Cama & Café, marcaram a história da Literatura e da Cultura brasileiras.

Nicanor Jacinto

O agente cultural, ator, compositor, poeta, cineasta, jornalista e diretor da TV Artmult Cultural Nicanor Jacinto da Silva faleceu no dia 4 de junho de 2025, em São Paulo. Nasceu em 8 de agosto de 1952, na Fazenda Rio Bonito, em Natividade da Serra (SP).

Estudou jornalismo na FIAM. Defensor das causas do nosso país, dos fracos e dos oprimidos, trabalhou e se aposentou como funcionário da Petrobrás. Participou do Grupo Irmãos da Cultura. Foi um dos responsáveis pela participação dos petroleiros ao entrar no Canal Comunitário de São Paulo.

Fez teatro em 1975 na Escola Actor Estúdio em São Paulo. Participou dos filmes *Uma gota de Sangue* na Favela Heliópolis em São Paulo, *São Referências*, *Tudo São Memórias* sobre os pontos culturais em São Paulo e *Matrículas Abertas* que fala sobre preconceitos e contradições. Tem parcerias musicais com Carlos Mahlungo, Batista Santos e Vidal França.

Nicanor começou a fazer programas na web, em 2010, através da TV Brasil. Depois passou a fazer trabalhos para o Programa ArtMult Cultural. Em 2011, mudou o nome para TV Artmult Cultural com o objetivo de ampliar o público.

Realizou filmagens em diversos seguimentos sociais, desde o morador de rua, saraus, política social, etc. Deu oportunidade para artista amador ou profissional.

Teve como meta dialogar com os mais diversos tipos de artes.

Segundo Nicanor Jacinto, "Em tudo isso posso dizer que o mais importante é expressar o amor nas formas mais variadas. Acredito que o foco no amor com bom tempero de altruísmo é justo e necessário para o tipo de sociedade que sonhamos. Acredito ser necessário dar visibilidade a todos."

Canal da TV Artmult Cultural

O canal do YouTube da TV Artmult Cultural, criado em 30 de novembro de 2010, conta com 17,9 mil inscritos e abriga 3.401 vídeos. www.youtube.com/@artmult

Conforme descrição do canal do YouTube: "TVARTMULT CULTURAL TEM UM FOCO ESPECIAL NA CULTURA HUMANA SOLIDÁRIA. O ser humano e sua essência muito nos interessa. Todo ser humano pode evoluir e muito pode contribuir para a sociedade. Até o momento temos quase 3.000 vídeos em mais de 10 anos filmando em bairros, saraus nas comunidades, moradores de rua, artistas de rua, Sesc, Casas de Cultura, praças públicas e em eventos sociais que dimensionem os problemas políticos e sociais e assim despertem a consciência ampla e solidária no conjunto da sociedade."

Sarau da TV Artmult Cultural

O sarau foi criado com o objetivo de fortalecer laços humanos e multiculturais em prol de uma sociedade mais humana e socialmente evoluída. Os eventos foram realizados no terceiro sábado do mês, no Ponto de Cultura e Memória Cama & Café, na Rua Roberto Simonsen, 79, em São Paulo, com a participação de convidados especiais e com microfone aberto para apresentação de artistas, poetas, cantores e compositores.

O 1º Sarau da TV Artmult Cultural, realizado no dia 20 de abril de 2024, que prestou homenagem à editora do jornal *Linguagem Viva* Rosani Abou Adal, contou com a coordenação e direção de Nicanor Jacinto e a edição de vídeo de Wlad Modesto e Gabriel Pettine.

O 5º sarau especial em comemoração aos 14 anos da TV, reali-

zado no dia 17 de agosto, no Ponto de Memória Restaurante Cama & Café, com a coordenação e direção de vídeo de Nicanor Jacinto, foi o primeiro em parceria com o jornal *Linguagem Viva*. Teve como convidados Maria de Lourdes Alba, Geraldo Pereira e Cacildo Marques.

O 6º Sarau da TV Artmult Cultural, do dia 14 de setembro, prestou homenagem aos 35 anos de circulação ininterrupta do jornal *Linguagem Viva*.

A 7ª edição, do dia 12 de outubro, prestou homenagem aos professores Icelida Alves, Janaina Adal da Costa Milan, Joice Adal da Costa, Lourdes Antonia Vicente, Mari Martins, Michele Vieira Ribeiro Doneda, Nilza Amélia de Souza, Sonia Abou Adal da Costa, Celly Molitor e Wilson Luques Costa.

O vídeo do 8º sarau, em homenagem ao dia da Consciência Negra, do dia 16 de novembro de 2024, abrigou os depoimentos do poeta, escritor e coordenador do Psiu Poético Aroldo Pereira e do jornalista, poeta e escritor Oswaldo de Camargo.

A 9ª edição, de dezembro de 2024, foi especial de Natal e a 10ª, de janeiro de 2025, em homenagem ao Coletivo Cultural Vórtice. A 11ª, do dia 15 de fevereiro de 2025, foi especial do Carnaval.

O 12º Sarau da TV ArtMult Cultural, do dia 15 março, em parceria com *Linguagem Viva*, prestou homenagem ao Sarau das Mulheres. Participaram as integrantes do Sarau Niuza Máira, Yaya Bonneges, Cristina Negreiros, Eulina Teixeira dos Santos, Mariana Pitta, Sinaida Cristiane e Célia Assumpção. Marah Mends lançou o livro de poemas *Dias Noturnos*.

A 13ª edição, do dia 19 de abril, prestou homenagem à Casa Amarela Espaço Cultural, de São Miguel, em São Paulo. Contou com as participações especiais de Akira Yamazaki e de Lukas Magalhães.



Rosani e Nicanor

O 14º Sarau da TV Artmult Cultural, em parceria com o *Linguagem Viva*, último realizado no dia 17 de maio de 2025, foi solidário ao povo palestino. Contou com as participações de Amyra El Khalili, Lúcia Skoromov, Chico Gretter, Artênio Fonseca, Camilo Tostes, Fabiano - Fábio Yano, Fabu Seixas, Fernanda Gaudêncio, Roberto - Voz da Periferia e de Rosani Abou Adal que fez pré-lançamento do livro de poemas *Canto do Alaúde*. Também foi inaugurada exposição de desenhos do livro de Janaina Adal da Costa Millan. O vídeo, dirigido por Nicanor Jacinto e editado por Gabriel Pettine, está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=u75hOCyUohU&t=173s>.

"Adoro filmar e descobrir pessoas. As atividades humanas e culturais muito me agradam. Adoro ver pessoas galgando degraus na vida. Sinto que cada ser humano tem em si uma pedra preciosa a ser descoberta. Por isso considero de suma importância os encontros culturais e especialmente os literários. Nós podemos criar, pincelar e dimensionar o mundo. Para isso precisamos descobrir o eu e abraçar o coletivo. Que o amor e o sonho habite em cada mente humana." Nicanor Jacinto

Rosani Abou Adal - São Paulo (SP) - é membro da Associação Nacional de Escritores e da Academia de Letras de Campos do Jordão.
www.poetarosani.com.br



LÍNGUA PORTUGUESA

Raquel Naveira

A literatura é uma arte psíquica idiomática. Serve-se de dois elementos: a mente e a palavra. A língua é, ao mesmo tempo, o meio de comunicação e a forma dessa arte. É o veículo, a forma exteriorizadora da criação artística elaborada no espírito humano, segundo o professor de Teoria Literária, Hênio Tavares.

A nossa língua é a portuguesa. Lembrando um pouco sua história: da fragmentação do latim vulgar, que os romanos levam para a Península Ibérica surgiram numerosos romances (dialetos), entre eles, o lusitânico (ou galaico-português). A independência política de Portugal estabelece a língua portuguesa, levada aos cinco continentes pelos portugueses conquistadores, expandindo-se rapidamente. No Brasil, foi enriquecida pela influência das línguas indígenas e africanas.

Reconheço a língua portuguesa como meu maior instrumento de trabalho e declaro a ela o meu respeito, o meu amor sincero. Um amor feito de estudos, sacrifícios, análises, longas horas debruçadas sobre as gramáticas, sobre os manuais e os livros de literatura brasileira e de literatura portuguesa, outras tantas passando suas normas em quadros-negros, corrigindo provas e trabalhos de alunos, nas quatro décadas de magistério. Toda essa dedicação não passou de meio para atingir um fim maior: dominar a língua, conhecê-la, manuseá-la, dissecá-la para melhor criar poesia.

Quando falamos em amor à língua portuguesa, na sua história e importância, logo nos vem à memória o poema/oração "Língua Portuguesa", do parnasiano Olavo Bilac, da qual transcrevo estrofe inicial:

*Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...*

Parece-me incongruente um poeta não ser admirador e conhecedor de sua própria língua. Desde a infância, quando deslanchou dentro de mim o apaixonante processo de ler-escrever, interessei-me pelas regras do jogo.

A expressão "língua portuguesa" evoca imagens místicas de Portugal. Influenciada por um verso do poema/canção "Língua", de Caetano Veloso, que começa assim: "Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões", escrevi:

*Minha língua encosta
Na língua portuguesa,
Meu pensamento reveste-se da forma
Ditada pelas normas
Da gramática portuguesa;
Ó língua galega!
Quisera dominar-te como águia.*

*Que o anjo de Portugal
Sobre em mim o espírito
De tua clareza rude,
Mostre tua força de carvalho,
Tua envergadura de choupo,
Teu cheiro de murta e eucalipto.*

*Que as tágides
Façam-me atravessar
O Cabo da Esperança,
O Cabo Verde,
O Cabo Não
Até chegar ao cerne de tua concisão.*

*Que a marquesa de Alorna
Dê-me o romantismo
Que orna as cantigas de amigo
Com pérolas de harmonia!*

*Que as colunas dos mosteiros
Passem para minhas veias
A lírica de Camões
E para meu paladar
O segredo das palavras,
Dos vinhos,*

*Que minha língua encoste
Na língua portuguesa
Hoje e sempre,
Aqui e além,
Que a minha poesia se erga,
Gótica e galaica
Como a torre de Belém.*

A língua portuguesa faz correr no meu sangue as cantigas dos trovadores, dos cancioneiros, de árcades e orfeus. Faz com que eu pertença à mesma linhagem de Camões, Pessoa e Drummond. Põe em meu inconsciente histórias onde se mesclam caravelas, cruzeiros, cocares, palmeiras, oceanos, onças, jandaias, príncipes afonsinos, mártires da liberdade, portos seguros.

Ó Língua Portuguesa! Que cada vez mais eu possa sentir em meus versos a tua sagrada soberania.

(Este texto é uma homenagem ao mestre Evanildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, que faleceu no dia 22 de maio do corrente ano, aos 97 anos, no Rio de Janeiro. Foi professor, gramático e filólogo. Autor de várias das principais gramáticas da língua portuguesa como *Moderna Gramática Portuguesa* e *Lições de Português pela Análise Sintática*.)



Raquel Naveira - Campo Grande (MS) - é escritora e poeta. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Cristã de Letras de São Paulo.



LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Contato: Whatsapp (11) 97358-6255 -
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Assinatura anual R\$ 160,00 e semestral R\$ 80,00

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impressão: *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555
Rua Tiradentes, 1111 - Piracicaba - SP - 13400-765.

Selos e logo de Xavier - www.xaviardelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

LINGUAGEM VIVA

**Assinatura Anual: R\$ 160,00
Semestral: R\$ 80,00**

Banco do Brasil: Conta 19081-0 - agência 0719-6 -

Banco Bradesco: agência 0165 - conta 0013923-8

PIX: (11) 97358-6255 - rosani@linguagemviva.com.br

Enviar comprovante e endereço para

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Celular e Whatsapp.: (11) 97358-6255



PARA QUE SERVE UM MUSEU?

Antonio F. Costella

Durante os primeiros anos de existência de meu museu, a Casa da Xilogravura, uma dúvida, de vez em quando, esvoaçava sobre meus pensamentos. Sua sombra cruzava, rápida, o horizonte de minha mente. A dúvida era a seguinte: para que serviria aquele museu? Hoje, passados 38 anos desde sua abertura ao público, sei responder essa pergunta.

Nunca me fizera antes essa indagação. Desde sempre, eu frequentara com avidez todos os museus cuja visita estivera ao meu alcance. Ainda menino, ia assiduamente ao MASP - Museu de Arte de São Paulo, ao tempo em que ele se encontrava no centro antigo da cidade, à Rua Sete de Abril, no então edifício dos Diários Associados. Conhecia de cor a localização de cada quadro em sua pinacoteca. Até hoje me recordo: na parede que, a partir da entrada, se via ao fundo, ocupei-me inúmeras vezes em tentar desvendar como Velazquez havia pintado os reflexos dourados nos adereços do Conde de Oliva-res. E, a cada visita, encantava-me mais e mais uma obra de Utrilo. Mostrava uma paisagem urbana coberta de neve e se encontrava na parede oposta.

Visitar museus sempre foi para mim algo tão natural, quanto comer ou dormir. Nunca havia tido motivo, portanto, para indagar-me a respeito do porquê da existência de um museu. Museu era, para mim, algo absolutamente indispensável. E pronto.

Talvez pelo fato de dedicar enorme tempo e crescente esforço para a instalação e a manutenção de um museu, assaltou-me um novo tipo de preocupação. E começou a inquietar-me.

Para que tanta labuta? Para que guardar um acervo, conservá-lo, mimá-lo? Até quando o acervo sobreviverá? No caso da Casa da Xilogravura, depois de mim, meus sucessores serão dedicados e protegerão o acervo? E quem serão esses sucessores? E, algum dia no futuro, por mais que eles se esforcem, por mais que o destino também seja misericordioso, as

obras da Casa da Xilogravura, como todas as outras de todos os outros museus da Terra, acabarão consumidas pelos anos, pelo tempo. Em apenas alguns milênios a Pirâmide de Queops já diminuiu mais de um metro! Gastou! E é de pedra!

Ademais, quantas coleções, ao longo da História, foram destruídas pelo fogo, soterradas por erupções vulcânicas, perdidas em naufrágios, ou mesmo destruídas por agressores, fossem eles vândalos de duas pernas ou fungos microscópicos?

A própria Terra tem, como todos os outros astros, um “prazo de validade”. O Sol, o Universo, tudo está sujeito à hipótese de um fim. Podem ser milhões, bilhões de anos, pouco importa quanto o seja, tudo caminha para alguma forma de extinção. A própria matéria, assim como brotou de um *big-bang*, talvez toda se dissipe – quem sabe? – num *big-smashing*.

Não será pura perda de tempo colecionar objetos condenados a desaparecer? Quanto esforço inútil!

Será, mesmo, inútil?

Antes eu só visitara museus. Agora produzia um. Passei a ser responsável pela sua existência e me perguntava amiúde: – Para quê?

Pois bem. Hoje, eu tenho a resposta para essa pergunta. E foram os visitantes da Casa da Xilogravura que a trouxeram para mim.

Na Casa da Xilogravura temos um livro à disposição daqueles que porventura queiram externar sua opinião a respeito do Museu. Para nossa alegria, as manifestações têm sido elogiosas. Dentre os adjetivos utilizados para classificar nosso Museu é frequente encontrarmos “magnífico”, “formidável”, “muito legal”, “excepcional”, “lindo”, “maravilhoso”, “show”, “incrível”, etc, e até um “irado”, cujo entendimento me é duvidoso. Mais significativos revelam-se os textos nos quais os visitantes explicaram-se um pouco mais, como, por exemplo: “...foi muito gostoso...”; “...é comovente”; “... saímos daqui embevecidos enriquecidos, com a leveza daquela sensação de que

a vida vale a pena...”; “...me levou quase a estado de transe...”; e alguém chegou até mesmo a dizer que a Casa da Xilogravura é “...um conforto para a alma”.

Uma das frases, que nunca esquecerei, diz: “Entrei com a noite na alma e aqui reencontrei o sol”. Foi datada de 13 de janeiro de 2011 pela visitante Maria Alice.

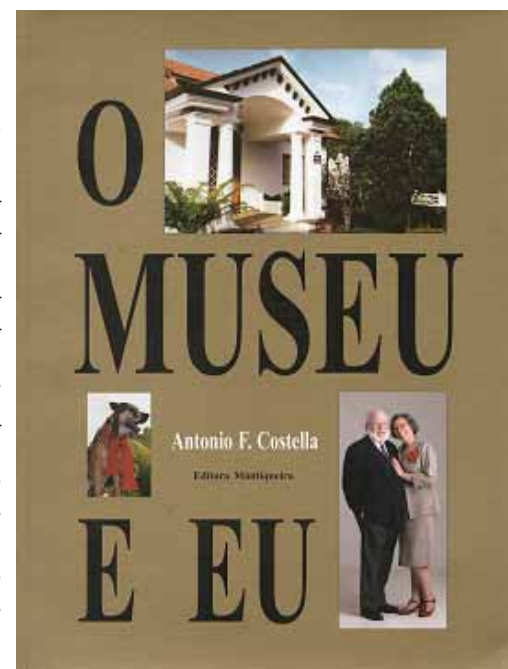
Essas frases recordam-me algo que escrevi, há muito tempo, no livro “*Para Apreciar a Arte*”, cuja longínqua primeira edição é de 1985. No último capítulo, lancei estas palavras:

“Recordando o passado de suas vidas, os leitores talvez se lembrem de situações nas quais sentiram um bem-estar profundo, marcante, intenso, depois de visitar uma exposição de artes plásticas ou ler um livro, ou ainda ouvindo uma música ou assistindo a um filme ou peça de teatro. Usufruíram, então, o prazer estético, algo muitas vezes parecido com uma estimulante alegria de viver. Essa aptidão demonstrada pela obra de arte, no sentido de enlevar, extasiar, enobrecer o espírito é o fruto de seu valor estético. Com este último comentário, não estou aludindo à capacidade que tem a obra, de despertar sentimentos.(...) É mais do que isso. A obra de arte toca também em algum ponto de nosso espírito que está além e acima dos sentimentos comuns de alegria, tristeza, ódio, amor, ira, etc. Tanto isso é verdade, que a mesma pessoa que chora copiosamente durante a projeção de um filme triste, poderá sair do cinema com a paradoxal sensação de ter sido reconfortada, aliviada, feliz, caso o filme seja de forte conteúdo artístico.”

Em outras palavras, o prazer conferido por uma obra de arte é uma forma de bem-aventurança. E antes de mim, alguém já disse isso.

Ora, pessoas que se mostraram tão gratas à Casa da Xilogravura devem ter sentido esse conforto espiritual que a obra de arte irradia, algo meio indefinível, mas sempre inconfundível. Fica evidente que essas pessoas saíram do Museu felizes.

Eis aí a resposta.



Um museu pode fazer com que as pessoas se sintam felizes.

John Keats, poeta inglês, que viveu de 1795 a 1821, resumiu em apenas um verso aquilo que eu, nesta mísera prosa, estou tentando explicar com cansativo palavreado:

“A thing of beauty is a joy for ever.”

Sim, essa é a melhor e a mais cristalina explicação: *algo de belo é uma alegria para sempre.*

Pois bem. Se ao visitar nosso Museu, uma pessoa se sente feliz, não me importa que o Universo, a Terra, eu e todas as obras da Casa da Xilogravura desapareçam no funil moedor do tempo, algum dia, no distante futuro. Se esta coleção faz luzir, agora, ao menos agora, um momento de felicidade em alguém, que leve a breca o fim de tudo.

É para gerar esse momento que um museu existe!

(Do capítulo IX do livro “O Museu e eu”)

Antonio F. Costella
- Campos do Jordão (SP) - é escritor, advogado, jornalista, artista plástico, fundador do Museu Casa da Xilogravura e da Academia de Letras de Campos do Jordão. Lecionou na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e na Escola Superior de Jornalismo em Porto (Portugal).





As veias expostas da inquietação

Ronaldo Cagiano

Jugular Exposta (Editora The Poets and Dragons Society, Lisboa, 2025) é o terceiro livro da escritora portuguesa Rita Tormenta (Porto, 1970), cuja carreira artística multivalente marca sua trajetória estética. Formada em teatro, com trabalhos de educação para a sensibilidade no CAI/Gulbenkian desde 1994, é co-criadora do evento "Aqui vai livre", integra a coordenação da Noite de Literatura Ibero-americana (OEI), realiza tertúlias em Almada e cumpre outras agendas em diversos eventos. Autora de "Centrifugar angústias a 1600rpm" (2022) e "O pequeníssimo livro de ti" (2023), traz em sua nova safra uma poética contundente, de profunda imersão na condição humana, a partir de um olhar imersivo sobre questões individuais e coletivas, escandindo, como num processo de fricção com a realidade, os desassossegos que compõem seu caudal de perplexidades.

O título da obra remete-nos à sensação metafórica do ser em plena exposição de suas inquietações e seus íntimos dilemas, num encontro de contas com o que nos atormenta, com os escuros e abismos da alma, com os apuros da consciência e as vertigens do percurso existencial.

Visceralmente exposta à lâmina das débacles quotidianas, a poesia de Rita é uma vertiginosa descida aos escaninhos e mistérios que nos rodeiam, ao espírito conflagrado por refregas que amplificam um certo nihilismo diante do obscurantismo e das fragilidades do homem perdido no cipoal de suas próprias contradições, nos becos sem saída que contornam as náuseas do nosso dia-a-dia. Numa zona que gravita em torno de sombras e claridade, a memória, o tempo, as tensões familiares, a melancolia e os paradoxos que norteiam os espaços de convivência pessoal e coletivo.

Não obstante o intimismo e a escuta interior, sua poesia não cede ao confessionalismo fútil nem ao desabafo. É, antes de tudo, um chacoalhar nos sentimentos como uma catarse, na esteira de um registro escrutinador e metafórico sobre o

seu entorno e temas que emergem de uma consciência idiossincrática, em plena efervescência crítica. Em "Movimento peristáltico", a poeta concede-nos a chave para penetrarmos o profundo de sua oficina criativa: "Escrever é para mim um movimento peristáltico entre o espanto e o vômito". Ou quando desfere, sem hesitação nem piedade: "Creio na descrença./ Acolho a dúvida." (...) "Sou especialista em desamores, dilúvios e/ desarrumações."

É nessa perspectiva radical, sem meias palavras e sem dourar a pílula, que sua palavra vai enfrentado os desafios não apenas da arte, mas de uma panóplia de contenciosos, nesse mundo em permanente desconforto, seccionado pelas barbáries e tragédias, pelo aviltamento dos valores e o declínio civilizacional, quando a poesia demanda uma contenda permanente com as trevas, digladiando-se com a morte sempre à espreita.

Na fluência de seu meticuloso processo de elaboração, Rita Tormenta contempla numa sintaxe singular um roteiro de mundividências: o lírico, o social, o filosófico, o nostálgico e o metafísico permeiam a sua *praxis* poética, na apropriação não apenas de uma linguagem esmerada, na fruição de uma simbologia e de imagens que incorpora, ao dissecar sensações que povoam seu inconsciente e seu imaginário, ou ainda quando dialoga com autores e obras (Julio Cortazar, Alejandra Pizarnick, Reinaldo Ferreira), em sutil flerte intertextual.

"Jugular exposta", pela densidade e alta voltagem semântica, consolida a trajetória de uma poeta que maneja com habilidade a arte de compreender as vertigens e fraturas expostas de seu tempo e no pleno domínio de seus artefactos, consistindo numa voz peculiar no panorama da atual poesia de língua portuguesa.

Ronaldo Cagiano - Lisboa (Portugal) - é escritor e poeta brasileiro, autor, dentre outros, de Eles não moram mais aqui (Prêmio Jabuti, 2016).



FOLHETIM, o livro de contos

Ernânii Fraga

Laçado por Laranja Original, li e reli com muito prazer a coletânea de contos do livro FOLHETIM, de Cesar Augusto de Carvalho, todos fascinantes.

O autor é um contista de mão cheia. As suas narrativas constroem trajetórias inesperadas onde nada é o que parece ser; uma mutação constante e inusitada que, bem humorada, flerta com o *non-sense*, prende nossa atenção e diverte com seus finais por vezes intrigantes como se vê, por exemplo, no hilário COCA-COLA ZEN, cuja estória, de narrativa toda sisuda e de vigor místico, parece brincar com o aspecto popular da expressão "malandro coca-cola" no sentido daquele sujeito que agita, agita e, depois, ou perde o gás ou não vai na onda.

Aliás, há muito – e divertido – *nonsense* em diversas outras passagens do livro como, por exemplo, em O BEIJO, o qual acontece sob "os democráticos raios solares" que se distribuem igualmente a todos, inclusive aos solitários sobrevivendo aos dias que passam indiferentes. A seu turno, JOHN CAGE é um primor de suspense cujo final, de índole algo sátira, surpreende e diverte, não tem como não rir. Folhetinesco, estruturado em capítulos, abrindo a seção autotificação, a qual trabalha o fazer literário segundo o cotidiano imediato extraído das vivências triviais do escritor/personagem, o conto A AMEAÇA DE QUEM não deixa por



menos e esculhamba a vida do "escritor perigoso" a partir da ameaça de um pronome abusado que se impõe sob variadas conotações.

Cesar Augusto de Carvalho, escritor relevante, é um mestre de escrita envolvente. As suas histórias, os seus contos adoráveis, têm a naturalidade de uma conversa dessincronizada sobre fatos quaisquer e cotidianos que se desenrolam de modo inusitado na fala entre amigos antigos, mas com um jeito um tanto cinematográfico, pois se veem as cenas como num filme. Leitura imperdível.

Ernânii Fraga - São Paulo (SP) - é escritor, poeta, ator, dramaturgo e diretor de teatro.



Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em todo o território nacional. Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandasp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr

Canto do Alaúde, a voz do povo árabe pela paz no mundo.

Rosani Abou Adal lançou o livro de poemas *Canto do Alaúde*, edição da autora, selo *Linguagem Viva*, no dia 23 de maio, no Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo.

O lançamento teve a cobertura fotográfica da Phoenix Foto & Vídeo.

Estiveram presentes o presidente do Sindicato dos Escritores Nilson Araújo Souza, o presidente do Sindicato dos Compositores Rubem Carvalho, os escritores Celly Molitor, Lúcia Skromov, Luiza Moura, Maria de Lourdes Alba, Michelle Doneda, Raquel Naveira, Rosana Venturini, Abou Kassoum, Cacildo Marques, Carlos Moura, Claudio Feldman, Ernâni Fraga, Fabiano - Fábio Yano, Gabriel Kawak, Gusss de Lucca e Nathaniel Braia, o cineasta Paulo Ulisses Maia Dantas, o jornalista Leonardo Severo, a advogada Martha Cardoso, a psicóloga Karina Giacheri, o engenheiro Hong John Lee, as professoras Josefina Pereira, Joice Adal da Costa e Sonia Abou Adal da Costa, os atores José Rolnik e Ricardo Caso, a universitária Laura Pereira, o livreiro Angelo Agostini, Luiz Antonio Pereira do Cama e Café, a assistente social Marilda Paula Camargo, a corretora Rosângela Lopes, os primos Norberto Melco e Marília Tasso, os integrantes do coletivo cultural Vórtice Plural Ada Luz, Fabu Seixas e Afras, de Nicanor Jacinto da TV Artmult Cultural e de Guilherme de Almeida Soares do canal Mesa de Debates que cobriu o evento. O canal Mesa de Debates entrevistou a Rosani, disponível em https://www.youtube.com/live/_xDZ9K_UCT8?feature=shared.

Rosani Abou Adal

A autora é escritora, poeta, jornalista, vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo, editora do jornal de resistência cultural *Linguagem Viva* e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e da Associação Nacional de Escritores.

Participou de antologias nacionais e internacionais e tem trabalhos publicados no Brasil, França, EUA, Espanha e Argentina.

Seus poemas foram traduzidos para o espanhol, francês, grego, inglês, italiano e húngaro.

Autora dos cartões poéticos *Sniff* (1985) e *Andorinha* (1988), dos livros de poemas *Mensagens do Momento* (1986), *De Corpo e Verde* (1992), *Catedral do Silêncio* (1996), *Manchetes em Versos* (2020) e *Sonho Ilusório* (2023).

Canto do Alaúde

A obra reúne 16 poemas em prol da Palestina, dos países árabes e pela paz dos povos de todas as nações.

Canto do Alaúde abriga o poema que dá título ao livro cujo final foi inspirado no pai da autora que quando era criança cobria a cabeça com o lençol, como segurança para que nenhum mal o abatesse, e para poder se proteger de alguma bomba.

A capa e ilustrações em cores são da professora e artista plástica Janaina Adal da Costa Millan que enriquecem as imagens poéticas.

Também foram impressos 5 desenhos em cores, incluindo a capa, no formato A4, de Janaina Adal da Costa Millan que também estão à venda por R\$ 10,00 cada desenho.

O poema Guerra dos Grãos, com a publicação da versão em espanhol - Guerra dos Granos - da poetisa, professora, tradutora e contadora de histórias Carmem Andrea Soek Pliessnig, apela para que os donos do poder parem de fabricar armas e plantem grãos para matar a fome das crianças e de todos os seres.

“A travessia do Mar Morto é perigosa, mas é mais segura. O Mar Vermelho é menos sangrento.”

Trecho do poema “O Tacho e o Mar Morto”. Duas meninas que perderam seus pais soterrados e possuem apenas um lençol e um tacho para fazer pão, se conseguirem farinha e água, veem no Mar Morto a esperança de verem a vida



Rosani Abou Adal

Phoenix Foto & Vídeo

voltar a sorrir e caminham de mãos dadas esperançosas pela vida.

Segundo o escritor e crítico literário brasileiro, radicado em Portugal, Ronaldo Cagiano, “Em seu novo livro de poemas, ‘Canto do Alaúde’, Rosani abre o volume, sinalizando o propósito dessa escritura imersiva, ao dedicar esse trabalho à paz de todos os povos e nações, na esperança de um mundo melhor e sem conflitos, a um Planeta que possa livrar-se da espoliação e da sucção de suas riquezas pela sanha espoliativa do capital internacional.

Ao invocar o canto geral que emana da sua ascendência árabe, o alaúde, instrumento tão ancestral,

que remonta à Idade Média, metaforiza o desejo suave da melodia como linguagem universal capaz de unir povos e nações.”

Canto do Alaúde

Edição da autora, selo *Linguagem Viva* 60 páginas - R\$ 40,00.

Desenhos, no formato A4, em cores, R\$ 10,00 cada.

Capa e ilustrações de Janaina Adal da Costa Millan.

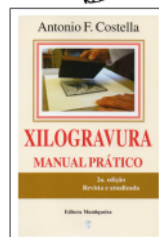
Prefácio de Ronaldo Cagiano.

ISBN: 978-65-01-40092-1

À venda na Estante Virtual, Livraria da Unesp e na Casa da Xilogravura em Campos do Jordão. Pedidos: (11) 97358-6255 www.poetarosani.com.br



EDITORA MANTIQUEIRA LIVROS DE ANTONIO F. COSTELLA Especializados em Gravura



Xilogravura Manual Prático - R\$35,00

2ª ed. revista e atualizada - (64 pg - 14x21cm)

Ensina com linguagem clara e ilustrações como escolher um pedaço de madeira para, por meio de entalhes, transformá-lo em uma matriz e com ele, aplicando tinta e prensagem, produzir gravuras impressas. Também sobre o tema:

Introdução à Gravura e à sua História - R\$52,00.

O autor foi professor universitário, é o diretor do Museu Casa da Xilogravura, situado em Campos do Jordão.

Como comprar: ✉ editora@editoramantiqueira.com.br



Permissão

Flora Figueiredo

Pode haver represália
porque a cobrança é crua e não falha,
mas me permiti um dia de preguiça.
Guardei a lista de tarefas inadiáveis,
o rol de obrigações insuportáveis,
os prazos sob pressão.
Preguiça sem culpa, sem sapato, pé no chão,
é muito melhor que vitamina.
Dia de contemplar nuvens e deslizar com elas;
de contar veleiros e deslizar com eles.
Na volta das aves à casa,
meu momento predileto.
Entre o mormaço e a maresia,
sorvete de tangerina.
Com casquinha, por favor.
Prefiro pecado completo.
E o dia plácido adormece
sob um teto de estrelas de platina.

Flora Figueiredo - São Paulo (SP) - é escritora, cronista, jornalista, tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento*. Exerceu o cargo de vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil. www.florafigueiredo.com



Ossatura do poema

Isabel Furini

para ter forte a ossatura o poema
exige esforço
e pranto silencioso
e, vibrando nas raízes, o amor e o ódio
essas duas forças antagônicas cósmicas
que (segundo Empédocles, filósofo grego)
movimentam o universo e suas criaturas



Isabel Furini - Curitiba (PR) - é educadora. Autora de *Os Corvos de Van Gogh* (poemas), entre outros. Criadora do Projeto Poetizar o Mundo. Foi nomeada Embaixadora da Palavra pela Fundação César Egido Serrano (Espanha, 2017).

Memórias

Andreia Donadon Leal

Meu corpo carrega meus ancestrais
Meu pai
Minha mãe
Minhas tias
Os meus avós
E bisavós

Meu corpo carrega a criança
Meu corpo carrega a adolescente
Meu corpo carrega a mulher

Meu corpo carrega histórias antepassadas

Meu corpo carrega um patrimônio de afetos
De meus primeiros amores
já se foram, mas continuam lá,
porque sentimentos puros e genuínos

Meu corpo carrega memórias
Vivências
Olhares
Noites de Natal
Fogos de réveillon
Festas de aniversário
Reuniões de família

Meu corpo carrega lembranças
O primeiro beijo
O primeiro amor
Tudo o que foi corre como sangue dentro do meu corpo
A criança
A adolescente
A mulher madura
A mulher em processo de envelhecimento

Sou memória viva das transições deste corpo.

Meu corpo,
além de órgãos, músculos, nervos e ossos,
carrega memórias
não só do que vi, ouvi e senti
porque meu corpo carrega memórias
das memórias antepassadas

Memórias são arquivos cumulativos,
Patrimônio familiar que vive dentro de mim

A morte não existe
Não é fim
Corpos vão, memórias ficam
Nos tantos arquivos de memórias
Das big techs celestiais...

Andreia Donadon - Mariana (MG) - é poeta, escritora, cronista, Mestre em Literatura pela UFV e Doutora em Educação. Membro da Academia Marianense de Letras e da ALACIB.



SEBASTIÃO SALGADO

Zuleika dos Reis

Ele olhava e via
a dor humana
a desfilar dantesca
a dor de homens tentando existir

Ele via, ele dizia
a dor do mundo
dos homens-formiga
fervilhando
à cata de ouro
em buraco gigantesco
de um mundo oco

Zuleika dos Reis - São Paulo - é escritora, poeta e professora de Língua Portuguesa formada pela Universidade de São Paulo.



caminho sem pressa
de chegar em lugar algum
como quem escuta
o silêncio da aurora
como quem inventa
uma nova história
caminho sem porto seguro
sem rumo definido
em busca do que faz sentido
como quem tateia no escuro
sem saber do tempo
que não espera
caminho de dentro pra fora
ao encontro do agora

Do livro *Pele do solo*, que pode ser lido e também escutado. https://www.canva.com/.../AuG3WGeiWl6S_qCn4hh-AA/view...

Áudio do livro: <https://drive.google.com/.../16Be90ump-RLw...>

Dinovaldo Gilioli - Florianópolis (SC) - é escritor e poeta. Ex-dirigente do Sinergia - Florianópolis (SC).



Livros

Como Enganei dois presidentes, um ministro, um senador e uma primeira dama, Fernando Jorge, 2ª edição, Editora Três Estrelas Ltda., São Paulo, 140 páginas.

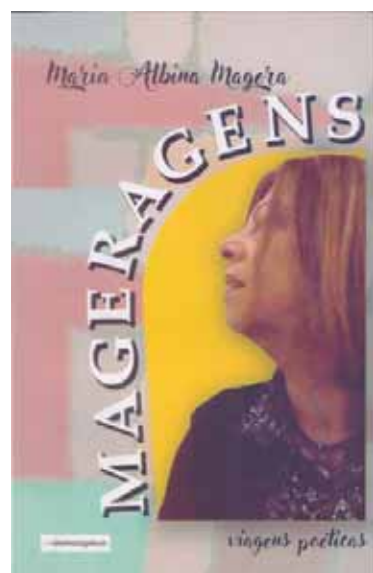
ISBN: 978-65-985511-0-0.

O autor é escritor, jornalista, biógrafo e historiador. Foi agraciado com o Prêmio Clio da Academia Paulistana de História, com o Prêmio Jabuti e com a Medalha de Koeler pelos grandes serviços prestados à cultura brasileira.

A obra, ilustrada e documentada, narra a história de como Fernando Jorge enganou os presidentes Jânio Quadros e João Goulart, o ministro Hermes Lima, o senador Lino de Matos, o embaixador Pio Correa e a primeira dama Maria Thereza Goulart.

Editora Três Estrelas:
tresestrelasedit@gmail.com

Fernando Jorge: www.fernandojorge.com



Mageragens - viagens poéticas, poemas de Maria Albina Magera, Edições Archangelus, São Paulo, 2022, 74 páginas, São Paulo. ISBN: 978-65-89232-83-4.

A autora é escritora, poeta e professora. Fez parte da produção executiva do cd *Jardim das Oliveiras* e do show de lançamento do artista Ceciro Cordeiro. Participou do Sarau da Casa Amarela com três poemas musicados e interpretados por Ronaldo Ferro.

Segundo a professora e escritora Rosana Dal Bello Bezerra, "Algumas imagens que Magera cria, sob o olhar do leitor, se dissipam no decorrer de momentos tão especiais, e percebemos que lentamente, os pensamentos e versos se completam pelo ecoar de suas reticências, ou quem sabe até pelo toque mágico de uma certa

bruxinha."

Edições Archangelus: (11) 99861-9450

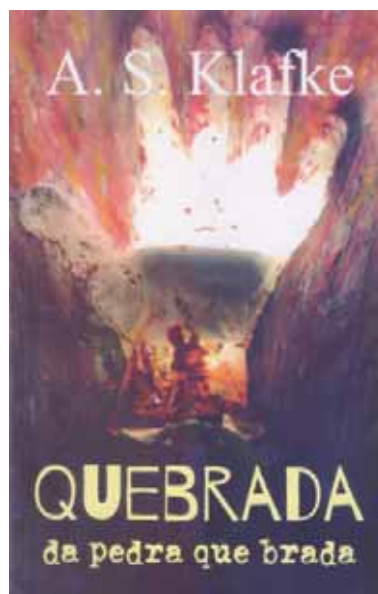
Quebrada da pedra que brada, Aristides Klafke, Grupo Editorial Scortecci, São Paulo, 64 páginas. ISBN: 978-85-366-7081-2.

O autor é escritor, poeta, artista plástico, pintor, escultor, gravador e professor de artes visuais.

Segundo Tânia Pelegrini, "Aristides Klafke subverte a noção de uma sociedade hierarquizada sob preceitos e ideias de modernização, afinal o momento é propício para implantação dos meios de comunicação de massa, que passa a ter poderoso argumento na formação de gostos e sensibilidades. Vemos, então, a difícil volta (árido regresso) para esse mundo oportunista e ideologicamente agressivo."

Grupo Editorial Scortecci:
www.livrariascortecci.com.br

Aristides Klafke: asklafke@gmail.com



30 Anos da Usina dos Sonhos

O Instituto Usina dos Sonhos, de Dois Córregos (SP), idealizado e fundado pelo empresário José Eduardo Mendes Camargo, em 1995, comemorou 30 anos de atividades, no dia 7 de junho, no SESI Jaú, na Av. João Lourenço Pires de Campos, 600.

O evento contou com o show de Ivan Lins e abrigou as palestras IA no campo da produção musical de João Marcelo Bôscoli, Gerenciamento de Carreira de Ricardo Espindola e O cantor e suas diferentes formas de expressão de Graça Cunha.

A Usina dos Sonhos tem como objetivo a transformação positiva do ser humano por meio do desenvolvimento da criança e da comunidade, através da poesia, contribuindo para o surgimento de novos talentos. Visa despertar o interesse pela leitura para o desenvolvimento do pensamento crítico e das produções e manifestações culturais.



Promove nas escolas públicas e particulares de Dois Córregos concursos de poesias nas indústrias e na penitenciária feminina para contribuir com a auto-estima e para a solução de conflitos entre as mulheres encarceradas.

A Usina dos Sonhos também promove o Festival Internacional de Poesia, realizado anualmente entre os meses de junho e julho no município de Dois Córregos (SP).

Presidida por José Eduardo Mendes Camargo, é uma ONG de atividades socioculturais sem fins lucrativos reconhecida pela UNESCO, órgão das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Cultura, e pelo Ministério da Cultura.

Segundo o escritor, poeta e empresário José Eduardo Mendes Camargo, "A Usina é um lugar onde o sonho vira projeto, e o projeto vira realidade transformadora. Não somos apenas um espaço caço de afeto e esperança".

Eventos da ALI de Itaquaquecetuba

A Academia de Letras de Itaquaquecetuba participará da Semana da Cultura, Diversidade e Meio Ambiente do Instituto Federal, Campus de Itaquaquecetuba, no dia 14 de junho. Promoverá o Boteço Literário, no dia 28 de junho, no Shopping de Itaquaquecetuba.

A Semana da Cultura Diversidade e Meio Ambiente abrigará palestras, oficinas, exposições, lançamentos, entre outras atividades. Será realizada no Instituto Federal, Campus de Itaquaquecetuba, Rua Primeiro de Maio, 500.

A Academia de Letras de Itaquaquecetuba participará da Semana Cultural, no dia 14 de junho, sábado, das 9h30 às 11h30. *Linguagem Viva* estará presente e Rosani Abou Adal lançará o livro de poemas *Canto do Alaúde*.

Estão confirmadas as participações dos acadêmicos Carlos Barros, Deise do Vale, Everton, Luka Magalhães, Mylena, Nilza Amélia, Pedro

Luis, Sandra Jesus, Sandra Santos, Teddy Tee e de Solange que fará oficina de origami.

O Boteço Literário será realizado no dia 28 de junho, sábado, às 19 horas, no Shopping de Itaquaquecetuba, Estrada Municipal do Mandi, 1205, Jardim Adriane, em Itaquaquecetuba.

Na ocasião será lançada a Revista da ALI – Academia de Letras de Itaquaquecetuba.

O evento abrigará sarau, declamações, performances, música ao vivo e bate-papo com escritores. Serão realizados sorteios de livros.

O Boteço Literário, com ingresso no valor de R\$ 70,00, disponibilizará caipirinha, gin tônica, refrigerantes, sucos naturais, água e um cardápio variado de comida de boteco que incluirá caldos e salgados.

Informações e reservas pelo whatsapp (11) 94058-0982.





Notícias



divulgação

Evanildo Bechara

Evanildo Bechara, escritor, professor, filólogo, educador e gramático, faleceu no dia 22 de maio, aos 97 anos, no Rio de Janeiro. Nasceu no dia 26 de fevereiro de 1928 em Recife (PE). Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia e membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Autor de *Moderna Gramática Portuguesa*, *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, entre outras importantes obras. Agraciado com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro e com a Oskar Nobiling da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura. Foi doutor honoris causa pela Universidade de Coimbra, diretor-geral do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro e Professor titular e emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense.

O Portal Amigos do Livro, do Grupo Editorial Scortecchi, publicou a matéria JORNAL LINGUAGEM VIVA - 35 ANOS! em <https://www.amigosdolivro.com.br/2025/05/linguagem-viva-35-anos.html>.

O 9º Prêmio Vivaleitura, promovido pelo Ministério da Educação e o Ministério da Cultura, está com inscrições abertas, até o dia 11 de julho, para as categorias Bibliotecas Públicas, Comunitárias e Privadas, Escolas Públicas, Privadas e Bibliotecas Escolares, Práticas continuadas em espaços diversos, Escrita criativa e Sistema prisional e socioeducativo. <https://mapa.cultura.gov.br/oportunidade/5798/#info>.

Luciene Carris, historiadora e escritora, organizou a coletânea *1964 – O que ainda nos resta dizer?* que foi lançada pela Editora Metanoia, Selo Estudos Americanos. A obra abriga textos de 11 autores que apresentam uma reflexão profunda sobre a ditadura militar e tem como proposta uma análise abrangente sobre o legado do golpe de 1964 e seus impactos na sociedade brasileira.

José Roberto de Castro Neves, advogado, professor e escritor, foi eleito para a Cadeira número 26 da Academia Brasileira de Letras para suceder Marcos Vilaça. O novo acadêmico é professor de Direito Civil da Pontifícia Universidade Católica e da Fundação Getúlio Vargas. Autor de livros de romance história, literatura e direito. É mestre em Direito pela Universidade de Cambridge e doutor em Direito Civil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A **União Brasileira de Escritores**, presidida por Ricardo Ramos Filho, publicou nota em seu site - www.ube.org.br – se manifestando contra à utilização de vouchers pagos com dinheiro público para a compra de cadernos para colorir, hoje também classificados como livros, já que têm até ISBN. Segundo nota, “O fornecimento de vouchers para que os estudantes e professores comprem seus próprios livros é excelente e promove o incentivo à leitura e o contato com a literatura. O problema está no uso equivocado desse recurso, que é a compra de livros terapêuticos, que não são literatura. Fica aqui o nosso alerta para que as autoridades pensem em como evitar o uso indevido desse recurso nas Bienais do Livro.”

Paulo Henriques Britto, escritor, tradutor da língua inglesa, poeta e professor, foi eleito no dia 22 de maio, para ocupar a Cadeira número 30 da Academia Brasileira de Letras que pertenceu à escritora Heloisa Teixeira. Paulo Henriques Brito é mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Foi agraciado com o título de Notório Saber em 2002 pela PUC-RJ, com o Prêmio Alphonsus de Guimarães da Fundação da Biblioteca Nacional e com o prêmio Portugal Telecom.

A **Fundação José Saramago** lançou um manifesto com um apelo urgente de cessar-fogo na Palestina, pela entrada de ajuda humanitária nos territórios ocupados, à libertação de todos os reféns e à resolução política da ocupação no quadro da ONU. “Todos os dias somos confrontados com a violência perpetrada pelo governo de Israel contra a população palestina, no atropelo de todas as regras internacionais de respeito pelas populações civis e de ajuda humanitária, com milhares de vítimas até ao momento, muitas, demasiadas, mulheres e crianças.” Chico Buarque, Silviano Santiago, Mia Couto, Djaimilia Pereira de Almeida, Ana Margarida de Carvalho, Milton Hatoum, Itamar Vieira Júnior, Ana Martins Marques, Jeferson Tenório, Mário Lúcio e José Eduardo Agualusa são alguns dos escritores que assinaram o manifesto.

Miriam Leitão, jornalista e escritora, foi eleita no dia 30 de abril para ocupar a cadeira número 7 da Academia Brasileira de Letras que pertenceu ao cineasta Cacá Diegues. Miriam Leitão é comentarista de política e economia do grupo Globo, desde 1991, e publicou 16 livros nos gêneros crônica, romance, literatura infantil e não ficção.

Ecos das Emoções, e-book organizado por Isabel Furini, bilíngue português e espanhol, abrigará poemas de Sheina Leoni, Carlos Zemek, Divani Medeiros, Decio Romano, Juliana Morini, Araceli Otamendi, Arriete Rangel de Abreu, Daniel Mauricio, Rosani Abou Adal, Vera Lucia Cordeiro, Maria Antonieta Gonzaga Teixeira, Elciana Godert, Vanice Zimerman Ferreira, Ivani Silva, Isabel Furini, Valeria Borges da Silveira, Atilio Andrade, Chris Herrmann, Devora Dante, Thaís Furusho e Graciela Diana Pucci. Os participantes do e-book também terão seus poemas em exposição em espanhol em Montevideu (Uruguai) e em português e espanhol em Curitiba (PR).

Fragmentos do Amanhecer, poema de Rosani Abou Adal, foi publicado em espanhol (*Fragmentos del amanecer*) na revista Literarte da Argentina de maio. <https://revistaliterartedigital.blogspot.com/2025/05/rosani-abou-adal-brasil-mayo-2025.html>



divulgação

Thais Matarazzo

A **Biblioteca Thais Matarazzo Cantero**, com Projeto de Lei publicado no *Diário Oficial da Cidade de São Paulo*, em 7 de maio de 2025, que denomina como “Biblioteca Thais Matarazzo Cantero” o espaço de biblioteca integrado ao complexo CEU Formosa, Rua Sargento Claudiner Evaristo Dias, 10, Parque Santo Antônio, em São Paulo. Escritora, jornalista, pesquisadora cultural, editora e fundadora da Editora Matarazzo e do Coletivo São Paulo de Literatura. Autora com de mais de 26 livros sobre a história do rádio, da música e das artes, entre outros temas. Publicou mais de 170 títulos pela sua editora e foi editou o jornal *Matarazzo em Foco* e a revista *Escritores Brasileiros Contemporâneos*.

Sebastião Salgado, fotógrafo e fotojornalista, faleceu no dia 23 de maio, aos 81 anos, em Paris (França). Nasceu em Aimorés (MG) no dia 8 de fevereiro de 1944. Autor dos livros *Terra*, *Trabalhadores: uma Arqueologia da Era Industrial*, *Retratos de Crianças do Êxodo*, entre outros. Foi agraciado com o German Book Trade Peace Prize por suas campanhas em prol da paz e da justiça social.

O 18º Prêmio São Paulo de Literatura, promovido pela Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, para as categorias “Melhor Romance do Ano de 2024” e o “Melhor Romance de Estreia do Ano de 2024”, está com inscrições abertas até o dia 18 de julho para obras publicadas de 1 de janeiro até 31 de dezembro de 2024, no formato impresso e com ISBN. <https://www.premiosaopaulodeliteratura.org.br>